

## MÃE



Nunca te esqueço os dedos de veludo,  
Quando me carregavas no regaço...  
Caí da imensidão azul do Espaço  
Qual pássaro da noite, triste e mudo.

Cresci... Estás em tudo quanto faço...  
No entanto abandonei o lar, o estudo,  
Até que do prazer me desiludo  
Arrasado de tédio e de cansaço.

Onde a estrela sublime do Universo,  
Em que sintas a dor que há no meu verso?  
Vem a mim, alma linda! Vence a bruma!

Quanto amor temos nós, no mundo inquieto,  
Desde a ligeira estima ao grande afeto?  
Mãe, porém, ante Deus, só tem uma!<sup>5</sup>

Antônio Barros

Reformador | Maio de 1989

<sup>5</sup> Segundo consta do original, o soneto foi recebido em reunião pública da noite de 07/02/1988, no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas Gerais.

## AOS ESTUDIOSOS



Treva e desolação. Angústia e guerra.  
Eis a penosa e amarga resultante  
Da civilização agonizante  
Dos milênios de lágrimas da Terra!

Sempre o homem de lodo que se aferra  
Ao instinto feroz e repugnante...  
O bem escarnecido e o mal triunfante  
Numa visão de lágrimas que aterra...

Vós que estudais a fonte do destino,  
Vivei na luz do Espírito Divino  
Sob os bens da razão iluminada!

Nos enganos misérrimos da Ciência  
Encontrareis somente a decadência  
Dos castelos fantásticos do Nada!

Augusto dos Anjos

Reformador | Agosto de 1989